

INNOVATE IN THE CLASSROOM, NEW TECHNOLOGIES, GREAT INSIGHTS

INNOVATE IN THE CLASSROOM, NEW TECHNOLOGIES, GREAT INSIGHTS

Rodrigo Domingues de Oliveira²

“Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo” (FOUCAULT, 1995 p. 20).

RESUMO: O intuito deste escrito é fazer com que professores e produtores de conteúdos midiáticos comecem a observar/questionar o modo como são criados e utilizados estes novos recursos em sala de aula e também verificar a necessidade de produzir material didático mais atrativo para contextualizar a disciplina de história em sala-de-aula. O trabalho foi executado por meio de análises de textos publicados por estudiosos da área e experiências obtidas em sala de aula. Entendo que seja uma discussão pertinente para elucidar aos professores a importância da utilização da tecnologia como um material de apoio e das mídias como forma de diversificar o modo de como apresentamos os conteúdos em sala de aula.

Palavras chave: mídia; professor; sala-de-aula.

ABSTRACT: The purpose of this writing is to make teachers and producers of media content Begin to observe/question how these new features are created and used in the class room and also verify the need to produce more attractive teaching material to contextualize the discipline of history in living-class. The work was performed through analysis of text published by scholars in the Field and experience gained in the class room. I understand that is a relevant discussion to elucidate the teachers of the importance of using technology as a support material and media as a way to diversify the way we present content in the class room.

Keywords: media; teacher; living-class.

¹Artigo apresentado como forma de conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* “Instituições Políticas e Processos Sócio-Históricos” na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Amambai.

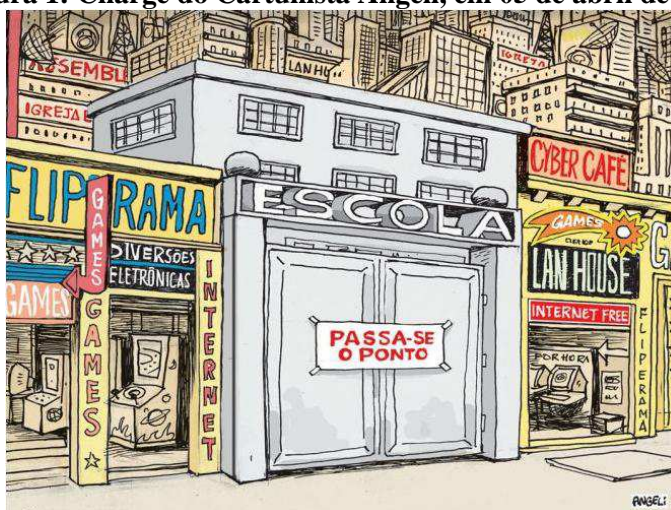
² Especialista em História pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Introdução

É como um passe de mágica que podemos navegar nos mares de águas calmas ou mesmo revoltosos da história, história dos povos, história da humanidade de uma sociedade que se adapta todos os dias para manter-se em movimento, manter-se viva. É no intuito de abrir janelas com o passado e tornar essas histórias um pouco mais atrativas em sala de aula que teço algumas considerações sobre ousos da tecnologia dentro do âmbito escolar.

A algum tempo quando navegava nas redes sociais, me deparei com a charge do cartunista Angeli³, ela evidenciava um local cheio de lojas, *lanhouse*, fliperama, cybercafé, loja de eletrônico entre outros estabelecimentos, cercando uma escola, até aí nada de mais, normal. Entretanto a escola estava com uma placa de: “passa-se o ponto”. Foi quando comecei a me questionar se a escola estará fadada ao desaparecimento por não acompanhar o desenvolvimento tecnológico da sociedade atual.

Figura 1: Charge do Cartunista Angeli, em 05 de abril de 2009



Fonte: http://noticias.uol.com.br/humor/2009_album.htm#fotoNav=13

³Arnaldo Angeli Filho nasceu em 31 de agosto de 1956 na cidade de São Paulo e já aos 14 anos publicou seu primeiro desenho na extinta revista Senhor. Em 1973 foi convidado a desenhar para o jornal Folha de S. Paulo, onde, além de charges políticas criou para a seção de quadrinhos a tira diária Chiclete com Banana, que lançou personagens como RêBordosa, Bob Cuspe, Wood & Stock e os Skrotinhos. Em 1985, a Chiclete com Banana transformou-se numa revista de quadrinhos independente, com inquestionável influência no mercado editorial. Autor de vários livros, participante de alguns festivais de comics da Europa e colaborador do jornal Diário de Notícias de Lisboa, Angeli teve seus trabalhos publicados pelas revistas Linus, de Milão; El Víbora, de Barcelona; Humor, de Buenos Aires. Atualmente, trabalha com exclusividade para a Folha de S. Paulo e para o provedor Universo Online, desenvolvendo quadrinhos animados para a Internet. Seus trabalhos já foram adaptados para o teatro e para a televisão. Grande parte dos seus personagens podem ser conferidos também no cinema, no longa de animação Wood & Stock: sexo, orégano e rock'nroll, dirigido por Otto Guerra. Disponível: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=735035

Foi no instante em que me deparei com a *Figural* que me coloquei a pensar no quanto a escola perde ao não se atualizar e utilizar como instrumentos pedagógicos os meios imagéticos e midiáticos.

Trazer a tecnologia para dentro do âmbito escolar como forma de apoio ao livro didático e também buscar a elaboração de novas formas de se apresentar o livro didático, o tornando digital, poderá ser uma grande estratégia para reaproximar alunos e livros, por serem todos conectados o tempo todo.

Sou fruto de uma escola que várias vezes me fez resumir capítulos inteiros de livros, líamos todo conteúdo acompanhados pelo professor, cada aluno um parágrafo, para que a professora se certificasse que estávamos prestando atenção. Os trabalhos solicitados, pesquisávamos na biblioteca municipal, pois a escola não possuía uma e isso nem faz tanto tempo assim.

Existiam projetos como o *Vídeo Escola*⁴ em que escolas eram contempladas com videocassete, televisão e fitas VHS para reproduzirem os conteúdos, entretanto, os professores que faziam uso dessas tecnologias muitas vezes eram tidos como professores que gostavam de ocupar o tempo de aula com conteúdo não produtivo, talvez até por falta de conhecimento por parte da coordenação pedagógica. Agora temos projetos como PROINFO⁵ que disponibiliza salas de informática e internet dentro das escolas públicas.

A educação no mundo e a brasileira vêm sofrendo novas intervenções nestes mais recentes 10 (dez) anos, no tocante à presença e implementação de tecnologias recentes na educação. No Brasil, nas escolas públicas, pode-se citar o ProInfo, como presença de uma Política Federal para informatizar as escolas e formar professores. Mas somente a introdução dos computadores na escola não é suficiente, para que a prática pedagógica possa ser ressignificada, quando a questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. E isso passa evidentemente pela formação contínua de educadores (SERAFIM, 2011, p.20).

Entretanto, trabalhar com tecnologias como a internet requer muito mais do que apenas saber navegar na rede mundial de computadores, mas entender que os conteúdos ali dispostos nem sempre tem origem fidedigna, podendo ser abertas inúmeras janelas para o conhecimento e também muitas lacunas a serem preenchidas.

⁴ Fundação Banco do Brasil e Roberto Marinho.

⁵ Programa educacional que introduz as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na escola pública. É uma iniciativa do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação a Distância SEED, criado pela Portaria nº. 522, de 09 de abril de 1997, sendo desenvolvido em parceria com os governos estaduais e alguns municipais. As diretrizes do Programa são estabelecidas pelo MEC e pelo CONSED (Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação).

Acrescenta-se que as teorias e práticas associadas à informática na educação vêm repercutindo em nível mundial, justamente porque as ferramentas e mídias digitais oferecem à didática, objetos, espaços e instrumentos capazes de renovar as situações de interação, expressão, criação, comunicação, informação, e colaboração, tornando-a muito diferente daquela tradicionalmente fundamentada na escrita e nos meios impressos (Idem, p.22).

É neste contexto revolucionário que a tecnologia vem se demonstrando como uma aliada do professor para tentar cativar o aluno com conteúdos midiáticos e multimídia que estão ao alcance de todos durante o dia-a-dia.

Tecnologia e Escola

Como professor universitário⁶, em experiências obtidas por meio da docência no Ensino Fundamental⁷, e nas observações feitas em escolas, quando estive estagiando e participando do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), que retrata um pouco do cotidiano da escola, passei a entender o porquê de o professor vir a se tornar um mero repassador de conhecimento, tornando-se assim o homem ordinário:

Freud estabelece um contrato com “o homem ordinário” e conjuga o seu discurso com a multidão cujo destino comum consiste em ser ludibriada, frustrada, forçada ao trabalho cansativo, submetida portanto à lei da mentira e ao tormento da morte. Este contrato, análogo ao que a história de Michelet estabelece com “o Povo”, que no entanto nunca falará aí, parece dever permitir a teoria entender-se ao universal e apoiar-se no real da história. Fornece-lhe um lugar seguro (CERTEAU, 1994, p. 61-62).

Segundo Certeau, o professor não é necessariamente um homem ordinário, mas ele pode vir a se tornar ao ensinar mecanicamente, não buscando o aperfeiçoamento para melhorar o desempenho no exercício de sua profissão.

É interessante como a influência de uma cultura interfere diretamente na formação de uma pessoa e o modo de vida interfere diretamente no cotidiano escolar. Pequenos gestos, por mais insignificantes que estes pareçam para uma pessoa, podem vir a fazer uma grande diferença na vida de outrem. Teço estas considerações a partir dos primeiros contatos com a escola, enquanto funcionário concursado na Secretaria Municipal de Educação de Amambai,

⁶ FIAMA – Faculdades Integradas de Amambai, na disciplina de Informática e Educação de 2012 a 2015.

⁷ Professor titular na disciplina de História no Colégio CELQ no Ensino Fundamental e Médio, desde 2013.

como Monitor de Informática. Essas experiências mudaram a minha concepção de escola, diferente de tudo aquilo que tinha vivenciado até o momento do ingresso no serviço público.

Contar experiências se torna simples, pois as lembranças afloram de acordo com a intensidade que elas marcaram a vida de cada um. Contar fatos históricos também se torna simples quando apoiado em um livro didático, sem contar o que pode ser recordado das aulas de história dos tempos de escola, relembrar conteúdos da trajetória na graduação pode parecer que ser professor é algo qualquer pessoa o pode ser.

Entretanto, interpretar a história de uma forma fácil e descomplicada, atrair o fascínio dos alunos da Educação Básica para que permaneçam numa constante busca pelo saber é um desafio ante as novas tecnologias presentes no cotidiano e pela forma como a mídia desenvolve meios para informar fatos históricos, sem a preocupação com o aspecto formativo da notícia. Nesse ponto surgem os questionamentos sobre o papel dos historiadores, que ao escrever a História devem ter a preocupação de torná-la acessível para todos, ou será preciso a intervenção de outros profissionais⁸ que, embora possuam habilidades, não estão comprometidos com o viés histórico.

A preocupação de Certeau⁹, na qual afirma que precisamos escrever história para pessoas que precisam aprender história e não somente escrever para a academia, é relevante para a discussão que vem sendo feita no decorrer desse artigo. E essa reflexão cabe não só à escrita de textos, mas na produção de material didático mais atrativo e condizente com os meios midiáticos/tecnológicos existentes atualmente. Documentários, filmes e animações¹⁰ também vêm sendo criados por profissionais da história de uma forma mais agradável aos olhos e ouvidos de pessoas que pouco sabem da história, de maneira que leve o espectador/aluno a entendê-la de uma forma mais agradável sem receber uma rajada de informações que para ele não seja interessante, mas que receba os fatos na forma de entender o contexto e incitar a busca por um novo mundo de conhecimentos.

Em relação a ser professor, Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia* deixa claro que o professor deve assumir uma postura ética: “É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar” (FREIRE, 1996. p. 18). Assim, embora possamos assumir qualquer postura como

⁸ Jornalistas, cineastas, produtores de mídia, etc.

⁹ Junto com Jacques Le Goff, Paul Vayne e outros intelectuais no texto *A história – Uma Paixão Nova*, no livro *A Nova História*.

¹⁰ Produções criadas por canais como HistoryChannel, NationalGeographic e empresas voltadas para o desenvolvimento do ensino como a Positivo, neste caso com o seu portal educacional com desenvolvimento de conteúdos multimídias.

professor, na opinião do autor, se não tivermos compromisso e ética como ponto da ruptura, que difere o professor ordinário do bom professor, os alunos não irão ter a curiosidade de querer aprender sempre mais e se tornarem sujeitos históricos a partir do conhecimento adquirido dentro do âmbito escolar. Esse é o verdadeiro papel do professor, um formador de opinião e não apenas repassador de conhecimento.

Preocupado com as influências que as novas tecnologias e meios de comunicação de massa tem diretamente em nossas vidas, voltar o olhar para a televisão, computador, internet, celular e smartphones é de máxima importância, afinal o conteúdo audiovisual é muito mais atrativo dos que os livros didáticos adotados¹¹ na Educação Básica e mais fácil de se tomar por verdade.

Yoshiura ressalta que “o reconhecimento das imagens como objetos conhecidos pode nos parece suficiente para a compreensão daquilo que se vê”, concluindo que “[...] as imagens em si, pelo modo como se apresentam, por suas características específicas, tais como cor, forma, proporção, posição, dinâmica, podem nos comunicar algo mais” [...] (2006, p. 7) e acrescento que considero como parte da tarefa do professor, na atualidade, ter preparo para trabalhá-las em seu cotidiano escolar.

Tal qual o comunicador visual busca exercer o controle de sua obra através da composição, da manipulação dos elementos visuais (YOSHIURA, 2006, p.7-8), o indivíduo professor e/ou aluno deve estar preparado para filtrar seus efeitos de forma a entender o poder da indústria cultural na contemporaneidade.

A esse respeito Sadek faz considerações pertinentes ao momento vivido pela educação, parte das quais são transcritas aqui à guisa de uma possível explicação para a aparente inércia do sistema educacional quanto ao uso das mídias:

Construir conhecimentos, criar conexões, relacionar fatos, analisar argumentos, duvidar de algumas verdades, descobrir ou inventar outras são alguns movimentos fundamentais na educação. Podemos entender educação como o estado de espírito, a disposição de aprender, de descobrir, de relacionar, de construir. É um estado de permanente movimento. Ou deveria ser (1999, p. 13).

Todas estas tecnologias são amplamente usadas na sociedade atual, que se encontra também muito mais dinâmica, facilitando assim o registro da história. Recriar o passado para que o aluno consiga visualizar os fatos históricos de algum tempo atrás era algo quase que

¹¹ Embora o professor tenha a livre escolha do livro didático a ser adotado essa seleção deve ser feita a partir de uma lista de livros pré-selecionados pelo Ministério de Educação e Cultura.

impossível sem ter que incitar a imaginação e ministrar uma grande carga de leitura. Atualmente as novas ferramentas/tecnologias fazem com que este trabalho fique mais fácil e mais prazeroso para o aluno, uma vez que ele pode visualizar em forma de vídeos, animações e infinitas possibilidades em decorrência da tecnologia.

Desse modo, é de se esperar que a escola, tenha que “se reinventar”, se desejar sobreviver como instituição educacional. É essencial que o professor se aproprie de gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizadas em sua prática pedagógica. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças (SERAFIM, 2011, p.20).

Tal fato pode dificultar o trabalho para o professor¹² que não faz uso destes novos recursos, pois a facilidade com que o aluno tem acesso, no seu cotidiano, a textos em smartphone, internet através de um computador ou tablete se torna mais atrativo do que ler um livro que conta a trajetória histórica de um povo.

Registrar os fatos se tornou simples, até mesmo um tanto quanto corriqueiro, pois podemos gravar uma fala, um vídeo ou até mesmo registrar através de uma foto um momento que pode vir a ser caro para a história. Assim, ensinar a história do tempo presente e reviver a história de uma maneira mais atrativa para o aluno vai depender da habilidade do professor no manuseio das novas tecnologias e da quantidade de informações que esse aluno traz consigo.

Levou um tempo para eu perceber que tudo ao meu redor pode contar uma história e como essa percepção do mundo pode ser mudada ao nos depararmos com o processo histórico no nosso dia-a-dia, que tornam possível desbravarmos um mundo até então desconhecido.

Entretanto, o grande avanço dos meios de comunicação pode acarretar problemas em relação à veracidade das informações. Indústrias de entretenimento criam produções culturais, documentários, entre outros tipos de conteúdo que nem sempre levam em consideração os fatos ocorridos para uma reprodução do passado coerente com a história. Assim, o professor,

¹² O professor muitas vezes não dispõe de recursos financeiros para adquirir as mesmas tecnologias usadas pelos alunos dificultando a interação com as novas tecnologias. Sabemos também que no âmbito escolar os recursos disponíveis para o professor também já se encontram obsoletos.

no trabalho de mediador ao utilizar esses materiais disponíveis para ilustrar deve mostrar o que de fato é real e o que não condiz com o passado que ali está sendo retratado¹³.

Zuin, no artigo *Sobre a Atualidade do conceito de Indústria Cultural*, logo no princípio de seu texto esclarece:

[...] o atual desenvolvimento dos meios de comunicação de massa recrudescer a sensação da inexistência de qualquer tipo de obstáculo que poderia impedir as trocas de diferentes produções dos mais variados países do globo. Diante da possibilidade da realização dos contatos via online, os mesmos olhares embasbacados frente à tela do computador revelam, de soslaio, o brilho da desconfiança ou mesmo da indiferença quando se deparam com um conceito tal como o de Indústria Cultural (2001, p. 09).

Os processos de semiformação¹⁴ em detrimento destes novos conteúdos, mais divertidos e dinâmicos para a interação com o público, que está mais acessível em decorrência da popularização dos meios de comunicação, acabam causando controvérsias dentro de sala de aula, pois o que o aluno toma por verdade pode não estar de acordo com a história, não havendo uma sincronia entre os materiais e os conteúdos ministrados em sala de aula.

Entretanto, encontramos uma boa possibilidade de colocar em prática algumas primícias encontradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pelas quais o aluno deve conhecer a história do Brasil, desde sua colonização, nas dimensões sociais, materiais e culturais; deve entender que o Brasil é um país multirracial, sendo assim, admitindo a existência de diversas culturas presentes, rompendo assim com qualquer tipo de discriminação em nível social, sexual, racial e religiosa. Saber interagir com o outro, usando diferentes linguagens e também usar diversos tipos de fontes de informação, apropriando-se das novas tecnologias. O professor deve formar um ser crítico, o indivíduo deve sair da escola com um conjunto de saberes que propicie pensar e agir por si só (PCN, 1998, p. 18-19). Aproveitando este gancho, o professor pode fazer um paralelo entre o que a mídia mostra sobre o tema abordado e o que realmente tem que ser levado em consideração em aula, o que merece credibilidade, fazendo assim com que o aluno olhe com criticidade o que ele tem visto/ouvido nos meios de comunicação de massa¹⁵.

Igualmente, não devemos demonizar as mídias, meios de comunicação, mas sim aprender a trabalhar com elas, fazendo com que o ensino fique mais atrativo para o aluno e,

¹³ Real e imaginário na indústria do entretenimento.

¹⁴ Termo utilizado por Zuin, no qual explica semiformação como processo que ocorre pelo detrimento de informações obtidas por intermédio de meios de comunicação, uma massificação do conhecimento, visão capitalista de vender a cultura. (2001, p.9-18)

¹⁵ Rádio, televisão, internet.

principalmente, no campo da história. Em entrevista à folha On-line, o historiador Marc Ferro afirma:

A história feita pelo cinema toma cada vez mais o lugar daquela feita pelos livros. Para uma criança de hoje, a Segunda Guerra Mundial é a imagem que se pode pensar a partir dos filmes, o saber passa necessariamente pela imagem, e vários historiadores entenderam que é preciso fazer filmes e não apenas livros (11.09.2004).

O que precisa ser observado é como esse filme, documentário, fotos ou animações serão interpretadas pelo aluno e como será feito o paralelo da mídia apresentada com a realidade.

Acredito que, uma vez a escola deixa de ser apenas uma fase a ser cumprida pelo aluno e se torna mais prazerosa, as relações entre professor e aluno serão de uma troca de conhecimentos. A recíproca entre ensinar e aprender vai transformar o ambiente muitas vezes tido como um corredor polonês, em um ambiente de intenso aprendizado, visto que na atualidade uma boa parte da vida da criança/adolescente, até mesmo a vida adulta, é passada dentro de uma instituição de ensino.

O ápice para o professor em sala de aula é quando consegue interagir com seu aluno. O professor deve conquistar, despertar e instigar o seu aluno para que ele procure sempre conhecer o processo histórico, tornando-o disposto a interagir com a história de modo que sempre busque novos conhecimentos.

O professor que está disposto a ensinar e aprender juntamente com seus alunos, que visa entender a realidade da sua turma e fazer da aula um momento cativante é aquele que enfrenta a luta diária a ser vencida e, conseqüentemente, atinge seus objetivos profissionais.

A atividade da aula realiza o professor: é como se, ao mesmo tempo em que faz a aula, também fosse feito por ela. Pensada nesse sentido, a aula é o processo e não o produto. Não é atividade com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um objetivo; não é algo sujeito a troca, como uma mercadoria [...]. Não vejam mais os alunos como se fossem objetos sobre os quais se deposita conhecimento. (MANOEL, 2001, p.115-116).

Pude observar que ensinar história passa a ser um grande desafio, pois o professor deve transpor o livro didático de modo que se aplique a realidade em que o aluno vive. Como já dito anteriormente, o aluno possui meios tecnológicos que muitas vezes não existe dentro do âmbito escolar e não é compartilhado com o professor, tornando este diálogo quase que impossível.

O livro didático que deveria auxiliar na abertura entre uma janela do passado no presente, evidenciando os fatos como as fontes permitiram que fossem confirmados deve levar a imaginação do aluno a recriar todos os acontecimentos em sua mente, para poder refletir na totalidade as ações, por exemplo, em uma guerra, evidenciando porque alguns reis tomaram determinadas decisões e até como um duplo assassinato¹⁶ pode causar a morte de milhões de pessoas ocasionados por uma declaração de guerra.

Refletir a história não é apenas estar sujeito às definições hoje impostas pelo *mass-media*. As reflexões sobre história transcendem os muros da escola e estas impostas pelos meios midiáticos, ou seja, uma história escrita não apenas por historiadores mas também por profissionais que escrevem para o público em geral com textos de fácil compreensão. O problema identificado por Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Paul Veyne entre outros intelectuais¹⁷, desde o final do século XX, é que estes textos criados para mostrar a história de uma maneira simples acabam omitindo dados relevantes para se compreender os fatos.

Insisto em que jornalistas, roteiristas e criadores de conteúdos midiáticos podem emitir opiniões tendenciosas, não mostrando a história de acordo com os fatos narrados por profissionais na área da história, pois o interesse das grandes mídias envolvidas para o entretenimento é a venda do seu produto final, que acaba sendo mais rentável que os próprios livros escritos por historiadores empobrecendo assim, o que acredito que não deveria acontecer, a história escrita por meio de fontes. Isto posto, a história precisa ser escrita de uma forma mais acessível¹⁸ aos alunos e às pessoas que queiram saber mais a seu respeito.

Hoje a história está presente não só nos livros, mas em muitos meios de difusão de conhecimento como revistas, fotografias, filmes e internet, mas ainda assim o livro que é adotado na escola nem sempre é tão atrativo quanto os outros meios mais interativos. Este livro precisa ser interessante e conter conteúdos com procedência para que possa ser parte desta conexão necessária entre presente e passado para entender história.

A esse respeito, Certeau afirma:

[...] O livro de História abre uma janela – para o pátio ou para o mar – em relação a vida fechada do trabalho-metro-cama. Cria um espaço de possíveis a imaginar ou a pensar acerca de si mesmo, sugere outras formas de

¹⁶ Assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando herdeiro do trono austro-húngaro e de sua esposa por GavriloPrincip que foi o estopim para o início da Primeira Guerra Mundial.

¹⁷ A História – Uma Paixão nova, In: A nova História, 1977, p.9-40.

¹⁸ Como participante do Programa de Iniciação a Docência (PIBID), pude observar que para que os alunos entendam os conteúdos os professores precisam interpretar por eles, visto que não são capazes de compreender o processo histórico.

existência, oferece saídas e uma linguagem objectiva a desejos prestes a partir para outros modos de relação, de trabalho, de festa, etc. É uma literatura de viagem acreditada pelo facto de ser possível porque diz respeito a factos que existiram na realidade (CERTEAU, 1977, p. 17.).

A afirmação de Certeau é semelhante a defendida por Martín-Barbero:

Quem dera o livro fosse, na escola, um meio de reflexão e argumentação, e não de leituras canônicas e de repetição estéreis! [...] Em Cali a grande maioria das pessoas, de todas as classes sociais e não apenas dos setores mais populares, identifica o livro com tarefa escolar; uma vez terminada essa fase da vida, o livro deixa de ter utilidade ou função. Isso revela que nossas escolas não proporcionam um espaço no qual a leitura e o ato de escrever sejam atividades prazerosas, mas predominantemente uma tarefa obrigatória e entediante, sem possibilidades de conexão com dimensões fundamentais da vida do adolescente. Uma atividade até mesmo castradora: confundindo qualquer expressão de estilo próprio na escritura com algo anormal ou com plágio, os professores tendem sistematicamente reprimir a criatividade. (CERTEAU, 1999, p. 29).

Todo esse esforço metodológico, necessário para deixar as aulas de história interessantes para os alunos, implica no saber histórico adquirido na formação do professor e no processo de aprendizagem permanente, renovando o conhecimento depois de findo o ciclo do Ensino Superior. Entender uma imagem, comentar um filme ou mesmo trabalhar o livro didático em sala de aula não está apenas ligado a metodologias que são aprendidas durante a vida acadêmica, mas também como bagagem adquirida por este professor ao longo de sua carreira, o saber histórico.

Atualmente podemos observar um grande avanço das tecnologias, a vida passa a ser on-line e as crianças e adolescentes, a cada dia, estão mais conectadas com elas. Entendo que elas já nasçam com o “botão” que incita a curiosidade nesses novos meios de interação com o mundo em que vivem, sendo assim esses jovens tem o acesso mais fácil a informação digital, virtual.

Quando as tecnologias passaram a fazer parte de nossa vida, uma grande parte dos professores ainda usavam (e usam) o quadro e giz. Muitos deles apenas sabem da existência dos computadores. Mesmo com a popularização, eles não fazem uso de uma maneira correta, não por falta de interesse ou capacidade, mas muitas vezes por esses computadores não estarem disponíveis em suas unidades de ensino, inviabilizando sua utilização para diversificação das aulas. Na era dos filmes e documentários em alta definição, em muitas escolas ainda há reprodutores de videocassete e televisores com tecnologia CRT que não foram substituídos pelos modernos reprodutores e gravadores de *blue-ray* e televisores de alta

definição. Importante ressaltar que tais tecnologias são razoavelmente acessíveis e conhecidas pelos alunos.

Pensar o ensino de história na atualidade não é só pensar em livros, mas também em documentários, filmes, materiais obtidos pela internet que veem a ser aliados na aprendizagem e que reforçam todo o trabalho feito pelo professor dentro de sala de aula. Não é o caso de afirmar que a tecnologia é a salvação e que poderá despertar maior interesse no aluno, mas poderá ser capaz de incitar este aluno como forma alternativa, menos massiva e mais visual para apreender o conteúdo. E partindo para meios de difusão de conhecimento mais atuais como:

O uso produtivo da Internet para fins educativos é quase tão infinito quanto as ramificações da própria rede e encontra seu limite apenas na imaginação dos professores e alunos que queiram tirar proveito dela. Alguns poucos exemplos aqui são destinados apenas a despertar a criatividade de cada um neste sentido (WEININGER, 1996, s/p).

O professor de história pode levar seu aluno a museus, lugares históricos, romper as barreiras de sala de aula mostrando ao seu aluno um mundo de conhecimentos infinitos, trazendo a história para mais perto da sala de aula sem sair de dentro da escola, em sua atuação com os novos meios de comunicação. Principalmente no que tange à internet, o professor precisa redobrar seu cuidado e conhecer os caminhos que podem levar o aluno a um conhecimento mais específico, pois o campo farto de informações, bem como a veracidade do que os sites apresentam podem ser fontes questionáveis.

Nesse sentido, Moran alerta que:

Ensinar utilizando a internet exige uma forte dose de atenção do professor. Diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação. Os alunos tendem a dispersar-se diante de tantas conexões possíveis, de endereços dentro de outros endereços, de imagens e textos que se sucedem ininterruptamente. Tendem a acumular muitos textos, lugares, idéias, que ficam gravados, impressos, anotados. Colocam os dados em seqüência mais do que em confronto. Copiam os endereços, os artigos uns ao lado dos outros, sem a devida triagem (MORAN, p. 146-153).

Todo o trabalho com as novas tecnologias de informação pode propiciar um novo panorama para o ensino, tornando as aulas mais atrativas e didáticas, não privilegiando apenas

as leituras habituais para as discussões de textos. Utilizar músicas¹⁹ que retratam acontecimentos históricos, filmes que ilustram as guerras, retratam o cotidiano, não é trair/abandonar os livros, mas sim fazer uso de novos instrumentos metodológicos com o intuito de despertar o interesse do aluno pela história. Não podemos esquecer que ao trabalhar com essas ferramentas devemos ficar atentos às fontes.

Considerações Finais

São infinitas as possibilidades e resultados que podemos obter quando utilizamos as novas tecnologias em sala de aula, entretanto acompanhar estas tecnologias é um trabalho de aprendizado constante na vida do professor. Acompanhar as novidades além do trabalho rigoroso de preparo das aulas, não podendo esquecer a parte burocrática da vida do professor demanda uma grande quantidade de tempo.

O que pude observar como professor é que os meios audiovisuais ajudam os alunos a fixarem mais os conteúdos ministrados em sala de aula, vídeos, animações até mesmo recortes de documentários.

Temos alguns problemas quando pensamos em tecnologia no âmbito escolar, acompanhar todo esse desenvolvimento tecnológico é algo que as escolas e professores ainda não conseguem, pois demanda altos custos²⁰ e nem sempre o conteúdo desenvolvido para a web é de acesso público. Observamos que muitos vídeos compartilhados por hora, muitas vezes saem do ar por conta dos direitos autorais, filmes que são feitos downloads²¹ para serem utilizados em sala de aula infringindo a propriedade intelectual das pessoas que não fazem parte do mundo acadêmico.

Desde o ano de 2013 trabalho com uma ferramenta desenvolvida pela *Positivo*, o portal educacional onde existem conteúdos desenvolvidos especificamente para fins educacionais. É interessante ressaltar que os conteúdos midiáticos desenvolvidos dentro desta plataforma de trabalho estão voltados para o material didático, estimulando o aluno a utilização do portal afim de aprender mais a respeito, rever o conteúdo e em outro momento

¹⁹ A utilização da música como material histórico, pois também retrata o cotidiano de uma sociedade, um ser, pode contar o momento vivido por alguém. A música como forma de abstração de um ser humano.

²⁰ Infraestrutura, manutenção permanente, atualização e formação de profissionais envolvidos.

²¹ Cabe aqui mais uma discussão referente a propriedade intelectual dos arquivos digitais, o meio acadêmico se preocupa com a originalidade das escritas, mas esquecem que quando professores reproduzem livros, fazem download ilegalmente de filmes, documentários da internet ou mesmo utilizam softwares piratas, também estão infringindo leis.

fazer as avaliações que podemos disponibilizá-las dentro da plataforma. Conclui-se que, por algumas vezes, apliquei a avaliação on-line e a mesma avaliação nos moldes tradicionais, impressa e em sala de aula. Mesmo as avaliações on-line podendo serem feitas fora de sala de aula, a discussão do conteúdo pós-prova em sala de aula é muito maior do que as provas tradicionalmente aplicadas em sala. Entendo que isso seja pelo fato de que os alunos podem estar pesquisando mais a respeito do conteúdo no momento em que fazem a avaliação, tornando esse momento muito mais enriquecedor do que aos moldes tradicionais.

Assim, inovar em sala de aula não é apenas disponibilizar vídeos, animações e filmes existentes nos dias atuais, mas sim fazer com estes novos recursos dialoguem de forma coesa com o material didático existente dentro do âmbito escolar. É incitar o aluno a verificar os erros históricos muitas vezes existentes nesses filmes, fazer com que o aluno diferencie a ficção da realidade. E aí venho concordar com Serafim que fecha seu texto dizendo: “O desafio está na mudança de concepção que diz respeito às aprendizagens, não somente das tecnologias, mas do que ensinar, trata-se de fazer aprender” (2011, p. 49). É trabalhar com o aluno de forma que ele consiga identificar os processos históricos contidos em cada mídia disponível na atualidade, sendo no jornal escrito ou falado, em um vídeo, vinheta de comercial, grandes produções cinematográficas ou mesmo em uma música.

É coerente concluir o quanto se faz necessário um alinhamento entre profissionais da história e criadores de conteúdos midiáticos para desenvolverem materiais didáticos, novas formas de apresentar o livro aos alunos, mais atrativos, para que esse processo de semiformação presente na sociedade atual não se reproduza. Utopia ou não, é preciso que o aluno consiga distinguir as verdades dos ultrajes que vem sendo apresentados para o mundo por meio de documentários, imprensa entre outros meios de comunicação não comprometidos com a veracidade dos fatos, pois percebo que cada vez mais a influência da mídia cresce, porém ela é voltada para a formação de opinião, compactuando com a intencionalidade de produções voltadas para o entretenimento nas quais prevalecem a bilheteria em detrimento da veracidade dos fatos e do processo histórico.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. In: *A bildung do professor*. Evidência olhares e pesquisa em saberes educacionais. Vol. 2, nº 2. 2006. <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/289/271>

CERTEAU, Michel de, *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer* / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A história – uma nova paixão*. In: A Nova História. Edições 70, nº 1, 1984.

Educação. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: SEED, 1999. p. 13-16.

FERRO, Marc. *Folha Online*. Entrevista em 11.09.2004

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail— 8ª ed. — São Paulo : Martins Fontes, 1999. — (Coleção tópicos)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, 1987.

http://noticias.uol.com.br/humor/2009_album.htm#fotoNav=13

http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=735035.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Novos Regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: SEED, 1999. p. 17-40.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 2, p. 27-35, jan. /abr.1995.

MUNDO ESTRANHO, Revista On-Line: acessado em 01 de agosto de 2015 - <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-a-teoria-do-caos>

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro / Friecrich Nietzsche; tradução e notas de Renato Zwick; apresentação e cronologia de Marcelo Backer*. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *História (5º a 8º)*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PEIXOTO, Reginaldo. OLIVEIRA, de Marcio. MAIO, Eliane Rose. *Educação Escolar: uma necessidade a partir das mudanças nas relações de trabalho*. Publicado em XI Jornada HISTEDBR – A pedagogia histórico-crítica, a educação Brasileira e os desafios da sua institucionalização – in:http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/simposio3.html. 2013.

SADEK, José Roberto. Educação, movimento e escolha. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: SEED, 1999. p. 13-16.

SERAFIM, Maria Lúcia. Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. In: *Tecnologias digitais na educação/Robson Pequeno de Sousa, Filomena da M. C da*

S. C. Moita, Ana Beatriz Gomes Carvalho (Organizadores). Campina Grande: EDUEPB, 2011.

WEININGER, Markus J.O uso da internet para fins educativos. In: *VIIIº ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática do Ensino)*, dia 7 a 10 de maio de 1996, na UFSC, Florianópolis, SC.

YOSHIURA, Eunice Vaz. *Imagem, mídia e poder*. Disponível em www.ciec.org.br/Artigos/Revista_2/EUNICE.pdf, acesso em 21.07.2006.

ZUIN, Antonio A. S. *Sobre a Atualidade do Conceito de indústria Cultura* in: *Cadernos Cedes*, ano XXI, nº 54, agosto/2001.

_____. *Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia*. São Paulo: Autores Associados, 1999.

ARTIGO RECEBIDO EM: 22/08/14
ARTIGO APROVADO EM: 10/10/14